

LEANDRO KARNAL E O ATEÍSMO, AS RELIGIÕES E A ESPIRITUALIDADE

Valdemar W. Setzer

www.ime.usp.br/~vwsetzer

Original: 6/10/24; esta versão (com várias extensões e o apêndice): 28/10/24 - 2

1. Introdução

Este artigo comenta três vídeos e um artigo de Leandro Karnal, com os seguintes títulos e endereços, todos com acesso em 2/10/24:

(A) "Espiritualidade e a customização da religião", provavelmente de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=t-ISaN9CarM>

(B) "Por que me tornei ateu?", provavelmente de 2021:

<https://www.youtube.com/watch?v=LJN3yMMh6Hs>

(C) Respostas a comentários feitos ao vídeo anterior:

<https://www.youtube.com/watch?v=RFKbItoVQPs>

(D) Artigo: "A Bíblia é verdadeira?" *O Estado de São Paulo*, 29/9/24 p. C8. Ver uma cópia do texto no meu [OneDrive](#).

No que segue, cada um desses vídeos e o artigo serão referidos pelas letras (A) a (D).

Como se verá, meu enfoque em relação à espiritualidade é bem diferente do dele, pelo menos no que expressou nos vídeos e no artigo, e como tem se expressado em sua coluna no jornal *O Estado de São Paulo* que leio sempre com muita admiração. Nas gravações e texto citados acima, ele trata sempre das religiões instituídas, e eu não tenho religião, tenho religiosidade, o que pode ser expresso como espiritualidade. Mas a minha espiritualidade é relativamente bem particular, pois segue uma linha que ainda é pouco comum. Vou me furtar de dizer qual é, para não dar a impressão de que estou fazendo proselitismo. Se algum/a leitor/a estiver interessado nela, é só me escrever.

Em 8/10/24 deparei-me em meu *site* com um artigo de 2017 sobre o mesmo assunto, comentando dois artigos do Karnal. Esse outro artigo tem várias coisas em comum com o atual, algumas com mais detalhes, mas há diferenças.¹

Ao final, inseri um gentil comentário dele sobre este artigo.

2. O ateísmo de Karnal

Os dicionários caracterizam "ateu" como uma pessoa que não acredita em Deus ou deuses.

Essa não é uma boa caracterização, pois Karnal e outras pessoas que se dizem ateus não conseguem conceituar no que não acreditam, já que Deus virou mera abstração. Esse problema afeta também as pessoas que dizem acreditar em Deus: elas também não conseguem exprimir conceitualmente que

¹ Setzer, V.W. "Ateu ou materialista? Comentários sobre duas crônicas de Leandro Karnal." Acesso em 8/10/24: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/Karnal-ateu-coments.html>

entidade é essa na qual acreditam. Não adianta um crente dizer, como é costume, “Deus é amor” ou “Deus criou o mundo”, pois isso não ajuda nada em se compreender que entidade é essa e como atua no mundo e nos seres humanos.

Para continuar, é preciso caracterizar o que é materialismo e espiritualismo. *Materialismo* ou, na filosofia, *fisicalismo*, é a concepção de mundo, a visão de mundo, ou cosmovisão (da palavra alemã *Weltanschauung*, conhecida dos filósofos) que admite exclusivamente matéria, energia e processos físicos no universo, incluindo no ser humano e nos seres vivos. Já o *espiritualismo* é uma cosmovisão que admite a existência de algo que não é físico, isto é, não pode ser reduzido a substâncias e fenômenos físicos, tanto no universo quanto nos seres vivos, atuando neles. Materialismo e espiritualismo são mutuamente excludentes, isto é, uma pessoa materialista não pode ser espiritualista, e uma espiritualista não pode ser materialista. Uma distinção fundamental é que uma pessoa materialista pensa exclusivamente em fenômenos e processos físicos. Já um espiritualista deve pensar em processos que não podem ser reduzidos a processos físicos. Portanto, o que caracteriza uma ou outra cosmovisão é, essencialmente, o conteúdo dos pensamentos.

Como um exemplo de um pensar que não se baseia em fenômenos físicos, observe-se uma Costela de Adão (*Monstera Deliciosa*), cujas folhas desenvolvidas são recortadas, e os términos de cada recorte, em forma de pequena linha, formam uma curva característica, que ocorre em todas as folhas (ver a foto ao lado). Inicialmente, a folha começa inteiriça e, à medida que cresce, vai produzindo os recortes, sempre mantendo a curva característica nas pontas. Um materialista diria: essa curva característica já está no DNA, é produzida a partir dele. Só que não é possível seguir todo o crescimento, que é produzido por divisão celular, observando-se como o DNA controla essa divisão. Além disso, obviamente cada recorte de uma folha cresce independente de outros recortes. Finalmente, as células vivas são muito imprecisas; se não houvesse algo controlando quais células vão se subdividir ou substituir outras mortas, a curva característica não seria mantida. De certo ponto de vista espiritualista, pode-se bem imaginar que há um *modelo* controlando o crescimento da folha por meio da divisão celular. Mas nós reconhecemos a forma produzida por esse modelo, a curva da periferia da folha, uma das características próprias das Costelas de Adão. Esse reconhecimento é feito com nosso pensamento, portanto pode-se imaginar que o tal modelo que controla o crescimento é da natureza de nosso pensamento. Na seção 3 abaixo mostro que há evidências muito fortes para considerar que o pensar não é um processo físico. Portanto, o modelo que controla o crescimento das folhas não é físico. Olhando-se qualquer planta, pode-se imaginar um modelo não físico, próprio da espécie, subjacente à planta, que dá origem às suas formas, especialmente folhas, flores e frutos. Esse modelo interage com o DNA. Pensar apenas no DNA, em substâncias e processos físicos é pensar materialmente; pensar em um modelo que não é físico controlando o crescimento e a regeneração dos



tecidos é pensar espiritualmente. Isso pode ser treinado observando-se qualquer ser vivo.

Passemos ao ateísmo. Parece-me que há dois tipos dos que se denominam ateus. 1. A pessoa não admite a possibilidade de existirem seres, entidades, cada uma com sua individualidade e existência própria, que não têm corpo físico, que poderiam ser chamados de seres puramente espirituais (o que incluiria a entidade Deus), mas admite que o ser humano tem algo que transcende a matéria, isto é, tem algo de não físico, espiritual, individual, atuando nele. Esse tipo será denominado de "ateu espiritualista"², isto é, a pessoa é espiritualista em se tratando do ser humano (espero que também em relação aos animais e plantas), mas é materialista no restante do universo. 2. A pessoa que considera que tudo no universo, em particular o ser humano, consiste somente de sistemas puramente físicos, sujeitos exclusivamente ao comportamento físico da matéria ou da energia. Pelo que foi exposto, essa pessoa é um/a "materialista". Note que, em analogia a "ateu espiritualista", uma denominação "ateu materialista", seria um pleonasma, pois quem é materialista não admite nada que não seja físico.

A cosmovisão do tipo 1 é bem estranha. Se o ser humano tem algo de espiritual, que não tem nada de físico, mas interage com o seu corpo físico, por que não poderia haver entidades espirituais sem corpo físico? Alan Kardec (1804-1869), que foi o primeiro a divulgar amplamente o conceito de que uma pessoa tem algo de espiritual que permanece depois da morte e acaba voltando a se encarnar em outro corpo físico, considerava que entre a morte e um novo nascimento a individualidade existia sem corpo físico, no mundo espiritual, consistindo no que é considerado pelos kardecistas uma "pessoa desencarnada"³. Se uma individualidade humana pode existir no mundo espiritual, sem corpo físico, por que não poderia haver nesse mundo entidades que nunca se encarnam? A Bíblia fala de anjos, arcanjos, principados, potestades, querubim (esta palavra já é um plural) e outros seres puramente espirituais que não têm corpo físico e não se encarnam. Provavelmente uma grande parte dos que se dizem ateus são os do tipo 2, isto é, são materialistas.

Mas o que nos interessa é em qual dos dois tipos Karnal se encaixa. Durante muito tempo eu tinha essa dúvida, principalmente porque ele, em artigos no jornal "O Estado de São Paulo", falava de "alma". No catolicismo romano, a alma não é física, subsiste depois da morte, e jamais se reencarna. No judaísmo existe a noção de alma, em hebraico *Nefech* (נֶפֶשׁ, ch como em português – em geral se translitera palavras em hebraico usando a grafia inglesa, sh, que acho inútil, pois temos esse fonema em português), e ainda um espírito, *Ruakh* (רוּחַ, kh como o j em espanhol, o ch em alemão e o x em russo). No misticismo judaico, como a Cabalá, a reencarnação da alma ou do espírito é admitida, apesar de ambos não serem bem caracterizados.

É interessante que o cristianismo, em sua origem, usava a tríade corpo-alma-espírito para a constituição humana. No concílio de Constantinopla, em 869,

² Agradeço a Ulrich Schiel pela sugestão dessa denominação.

³ Chioro dos Reis, A.A. e Nunes, Ricardo de Moraes (orgs.). *Perspectivas contemporâneas da reencarnação*. Santos: CPDoc e CEPABrasil, 2016.

o espírito foi banido pela Igreja Católica Romana⁴, estabelecendo-se o dogma de o ser humano ser constituído apenas de corpo e alma, esta com algumas das características do que antes se entendia por espírito. Essa foi uma das razões do cisma da Igreja Ortodoxa, que continua a usar a tríade até hoje.

A dúvida quanto o tipo de Karnal se dissipou quando ele, em (B) no min. 7:25 disse:

“Um ateu não rejeita apenas a existência de Deus, rejeito também a existência de demônios, de anjos, de uma *alma imortal*, de unicórnios, de gnomos, de duendes, de fadas e todos os seres que o ateu rejeita por que estão fora da ordem racional.” (Minha ênfase.)

Claramente, ele está falando de alma, ao lado de seres ou entidades que não são físicas. Portanto, ele rejeita a existência de uma alma não física no ser humano. Ele certamente usou a expressão “imortal” pois é assim que a religião católica admite a alma, apesar de não admitir que ela se reencarna. Assim, Karnal não admite a existência, no ser humano e no universo, de algo que não é puramente físico.

Quanto às outras entidades, de certo ponto de vista espiritualista pode-se admitir a existência de seres que não assumem corpos físicos e que podem ser benéficos (os tradicionais anjos, arcanjos, arqueus ou principados etc. da Bíblia) ou maléficos à humanidade (que Karnal chamou de “demônios”). Agora, é estranho que ele colocou no mesmo caldeirão também unicórnios, gnomos, duendes e fadas. Ocorre que essas são imagens, símbolos, em mitos ou contos de fadas. É necessário distinguir o que é símbolo para um materialista e para um espiritualista. Para o primeiro, esses símbolos não têm um significado subjacente; para o segundo, podem representar um conteúdo espiritual. De certo ponto de vista espiritualista, vários desses símbolos representam processos, entidades ou mesmo características humanas que não são físicas. Esse é o caso do mito bíblico da Criação. Isto é, os mitos e antigos contos de fadas populares autênticos (como os dos irmãos Grimm) referem-se, por meio de símbolos e não de conceitos, a realidades que não são físicas.

Desse modo, tenho que concluir que Karnal não admite nada que não seja físico no mundo e nos seres vivos. Nesse sentido, como exposto acima, ele é materialista, uma denominação muito mais profunda e ampla que simplesmente “ateu”.

A esse respeito, em (B min. 8:03), além de ateísmo ele cita 2 cosmovisões.

- a) (B 8:15). “Agnóstico seria aquele que nem diz que Deus existe e que não existe. Baseia-se apenas em evidências. Como não podem nem negar nem afirmar, aguarda provas concretas.”

Claramente, as evidências e provas aguardadas são apenas materiais. É óbvio que não se conseguirá provar fisicamente, cientificamente com os paradigmas atuais da ciência corrente materialista, que algo não físico existe. No entanto, as evidências para isso são enormes, como mostrarei na seção 3. Em outras palavras, o agnóstico só acredita no que vê. Como o que ele vê

⁴ Usei esse nome pois “católico” significa universal. Recomendo dar uma olhada em outra igreja católica, a Igreja Católica Liberal, existente entre nós, e que começou na Inglaterra em 1916. O leitor vai se espantar com a liberalidade dessa religião: <https://catholicoliberal.com.br/> (acesso em 4/10/24).

é o mundo físico, ele só pode pensar em termos físicos, portanto é um materialista. A propósito, qualquer pessoa, um agnóstico em particular, tem certeza de que pensa, tem sensações, sentimentos e impulsos de vontade. No entanto, ele não os "vê" e não pode fazer outra pessoa pensar, sentir e querer como ele os faz. Portanto, há fenômenos no mundo que podem ser vivenciados, mas não provados publicamente. São fenômenos "ocultos"!

b) (B 8:30). "Apateísta, a pessoa que é indiferente em relação à religião."

Sobre apateísmo, encontrei na Wikipedia em português (acesso em 2/10/24) a seguinte caracterização:

"Apateísmo é uma contração das palavras apatia e teísmo/ateísmo, também conhecido como ateísmo apático ou ateísmo pragmático, e caracteriza-se pela total apatia ou indiferença em relação à existência de deus(es). [...] Em outras palavras, um apateísta é alguém que não considera a questão da existência nem inexistência de deuses nem significativa nem relevante para a sua vida."

Se um apateísta considerasse como relevante a questão da existência de seres que existem mas não têm corpo físico, ele também consideraria como relevante o fato de seres humanos e seres vivos terem ou não algo que não é físico. Assim, como o agnóstico, o apateísta limita-se a pensar a respeito do mundo físico sendo, portanto, um materialista.

A essas duas, e ao ateísmo, eu ainda acrescento outras duas cosmovisões:

c) Positivismo, introduzido por Auguste Comte (1798-1857), que teve grande influência no Brasil, e parte do princípio de que somente o que é científico é válido. Interessante que não se faz uma distinção entre um fato científico, que ninguém pode duvidar, e um julgamento científico, que pode ser duvidado. Por exemplo, dizer que a Terra tem 4,5 bilhões de anos não é um fato científico, é uma dedução feita a partir de experimentos. De qualquer maneira, como a ciência corrente é exclusivamente materialista, um positivista é materialista.

d) Ceticismo, que considero uma atitude positiva enquanto significar não ter preconceitos, ideias pré-concebidas, mas que é usado no sentido de se ser cético em relação a qualquer fenômeno que não seja físico. Um expoente dessa cosmovisão é Michael Shermer (1954-), que dirige a Skeptics Society, e que se considera um "cético científico". A Wikipedia em inglês (acesso em 2/10/24) diz que ele se considera agnóstico e ateu, mas prefere ser chamado de "cético".

Pois bem, para mim as cosmovisões (a) a (d) mais o ateísmo, podem ser classificadas mais precisamente como materialismos.

É curioso que Karnal se diz ateu, em lugar de se dizer materialista. Tenho a impressão de que alguns materialistas têm receio de se caracterizar como tal, adotando uma das 5 formas descritas, talvez pela conotação pejorativa de "materialista" como "utilitarista", como é o caso no inglês.

É importante notar que muitas pessoas que se dizem religiosas são na verdade materialistas devido à sua maneira de pensar. Não adianta ficar invocando Deus com frequência, se a pessoa só pensa em termos materiais,

físicos. Vou dar um exemplo típico: o livro *Nosso Lar* do Chico Xavier⁵. Nele, Chico descreve o mundo dos mortos, isto é, o mundo espiritual. Mas na sua descrição esse mundo tem muitas características do mundo físico, tais como veículos de transporte, transmissões radiofônicas, hospitais, horários de trabalho, bônus salarial por trabalho em horas extras, e até ministros. O livro tem belas mensagens de amor altruísta, que se aplicam muito bem para nosso mundo físico, mas não para o mundo espiritual, pois este último é totalmente diferente do mundo físico já que, obviamente, lá não há matéria nem espaço, que são físicos. Note-se que o *Nosso Lar* foi psicografado, isto é, escrito quando Chico Xavier não estava em plena consciência relatando suas vivências feitas em consciência de vigília normal, e suas próprias ideias. No próprio livro está escrito "Ditado pelo espírito André Luiz".

3. O materialismo não se sustenta

A ciência corrente é exclusivamente materialista, usando apenas aparelhos e teorias baseados na matéria e fenômenos puramente físicos, apesar de certas teorias levarem a explicações incompreensíveis em termos da física clássica, newtoniana, aquela que se pode compreender. Os sucessos da ciência moderna levaram muita gente a se tornar materialista.

Em (B 9:08) Karnal disse:

"A minha posição científica é que é claro que a ciência não explica tudo. Mas o que ela não explica não é da ordem teológica, mas de nossa ignorância parcial."

Vou estender essa sua afirmação. Em lugar de "ordem teológica", que tem normalmente a ver com religiões, vou admitir que ele queria dizer que coisas que a ciência não explica não são de origem não física, transcendente à matéria, espiritual, mas provêm do fato de que a ciência ainda não conseguiu explicar tudo fisicamente, porém um dia explicará.

Karnal talvez não saiba que a ciência corrente tem limites intransponíveis, isto é, em seu paradigma atual está condenada a não saber certas coisas. Começo com o átomo.

A ciência admite a existência de partículas subatômicas, como os populares elétron (que seria elementar), próton e nêutron (que seriam compostos de outras partículas). Muita gente ainda acha que o elétron é uma bolinha que gira em torno do núcleo composto por prótons e nêutrons, o modelo planetário proposto por Ernest Rutheford (1871-1937) em 1911, e que logo se percebeu que não era válido, pois os elétrons, ao serem acelerados para fazer uma curva, deveriam irradiar energia eletromagnética e cair no núcleo. O elétron não é uma bolinha e não gira em torno do núcleo. Não se sabe o que ele realmente é em seu estado natural, e nunca se saberá, por uma simples razão: para examinar algum objeto, é necessário extrair energia dele. Eventualmente é necessário injetar energia e depois extraí-la, que é o que se faz, por exemplo, ao iluminar um objeto para observá-lo, o que praticamente não muda um objeto macroscópico (talvez o aqueça, isto é, foi injetada mais energia do que retirada). Mas o mínimo quantum de energia que se insere ou se extrai de uma partícula subatômica muda seu estado. Todas as observações feitas com partículas subatômicas ocorrem com instrumentos,

⁵ Xavier, F.C. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, sem data. Acesso em 8/10/24: <https://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/chicoxavier/nossolar.pdf>

por exemplo, aceleradores de partículas, que mudam enormemente o estado natural delas.

Assim, jamais se saberá o que são as partículas subatômicas em seu estado natural e, portanto, jamais se saberá o que é um átomo em seu estado natural. Portanto, a física *jamais* saberá o que é a matéria em seu estado natural. Por isso formulei uma de minhas "leis"⁶: "A física destruiu o óbvio", pois para nós humanos a matéria é mais do que óbvia: tudo o que enxergamos, tateamos, cheiramos, sentimos o gosto, ouvimos etc.

Mas há muitos outros fenômenos que a ciência materialista jamais vai explicar, como o *Big Bang*. O que houve antes dele? Já que toda a matéria estava concentrada, por que não formou um super-hiper-duper buraco negro? (Há explicações incompreensíveis para isso, como o vácuo quântico.) Se a hipótese de que o universo está em expansão estiver correta, para onde ele está expandindo, para o "nada"? E até onde vai o "nada"? Em (B 13:55) Karnal disse "Eu não sei o que é o *Big Bang*." Ele não está sozinho, ninguém sabe.

Em (B 12h30) Karnal afirma que "À medida que a ciência avança, a fé vai diminuir." (12:35) "O raio é uma descarga elétrica entre o solo e a nuvem." De fato, o raio é uma descarga elétrica. Mas infelizmente para ele, a ciência não sabe por que um raio começa. A distância entre as nuvens e o solo é grande demais para produzir uma faísca. Existem algumas teorias, mas nenhum conhecimento de um fato científico que explique o aparecimento de um raio. Depois que ele inicia, ioniza o ar em sua passagem, o que permite a sua continuação.

Um outro desconhecimento científico interessante é a causa da circulação sanguínea. Popularmente, e até entre muitos cardiologistas, pensa-se que a circulação é devida ao bombeamento pelo coração. Ocorre que o corpo tem milhares de km de vasos sanguíneos, a maior parte capilares, onde glóbulos vermelhos têm dificuldade de passar. Essa bomba teria que ter uma capacidade imensa para empurrar e puxar o sangue, um líquido bem mais viscoso do que a água. Um biólogo americano fez a seguinte analogia: "É como se houvesse uma bomba em New York que bombasse água até San Francisco, e ainda irrigando os campos pelo meio do caminho (a oxigenação dos tecidos)"; eu ainda acrescento: e ainda recolhendo lixo (o gás carbônico). O coração é parcialmente uma bomba, mas o que ele faz é dar um pulso de pressão (que se pode detectar no pulso do antebraço), que é sentido pelo corpo todo que, misteriosamente, faz o sangue circular.

Mas a coisa vai bem mais longe. Em termos humanos, a ciência jamais vai saber o que é o pensamento, as sensações, os sentimentos e a vontade, pois são fenômenos puramente individuais e subjetivos, e a ciência é universal e objetiva. Se uma pessoa come uma fruta, ninguém mais é capaz de sentir o gosto que ela está sentindo. Obviamente, os impulsos elétricos causados pelas papilas gustativas e os resultantes no cérebro não são a sensação do gosto da fruta. Em meu artigo "Conceitos, ideias e o cérebro"⁷ mostro que o pensar não é um fenômeno físico. Ele interage com o cérebro, mas não se origina nele. Minha conjectura bem forte é que a ciência também jamais vai saber o que é a memória, o sono e o sonho, a consciência (que os animais

⁶ Ver <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/leis.html> (acesso em 3/10/24).

⁷ Ver <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/conceito-cerebro.pdf> (acesso em 4/10/24).

têm; machucando-se um animal superior, ele claramente sente dor, como nós; isso é ter consciência) e a autoconsciência (que temos e os animais não têm – por exemplo, jamais um cachorro pensou “Eu sou”, ou sentou e decidi lembrar da linda cadelinha que viu no dia anterior; aliás, os animais não são capazes de pensar, eles reagem por instinto ou por condicionamento). Só o ser humano é capaz de pensar nas possíveis consequências de um seu ato futuro. No artigo citado, mostro que qualquer pessoa pode vivenciar o fato de poder decidir o próximo pensamento, que é uma ação interior livre, podendo levar a uma ação exterior livre. Ora, liberdade não pode advir da natureza física, pois esta está inexoravelmente sujeita às “leis” e condições físicas. As máquinas, instrumentos e edifícios são projetados e construídos segundo essas “leis”. Se essas leis só se aplicassem de vez em quando, as máquinas não funcionariam e os prédios ruiriam. O livre arbítrio, que não pode ser provado, mas pode ser vivenciado determinando-se o próximo pensamento em uma concentração mental, obviamente transcende a natureza física.

Um organismo vivo, como um todo, influencia as suas partes, e estas influenciam o organismo todo. A ciência é reducionista, procura explicar as partes e não chega ao todo.

Assim, fenômenos que jamais serão explicados pela ciência corrente mostram que o materialismo não se sustenta (começando por ele não saber o que é a matéria, como visto acima), e que as evidências de que existe algo transcendente aos fenômenos físicos são grandes demais.

Até a matemática tem limites, não se podendo provar se certos enunciados matemáticos bem formulados são ou não verdadeiros, o que pertence à área chamada de indecidibilidade. Um exemplo simples é que é impossível se fazer um programa de computador que analisa qualquer outro programa e conclua que, para quaisquer dados de entrada, esse segundo programa encerra o processamento em algum ponto, isto é, não fica repetindo indefinidamente algum ciclo de instruções. Esse é o conhecido “Problema da Parada” de 1937, de Alan Turing (1912-1954).⁸

Os limites da ciência deveriam ser reconhecidos por todos, acabando-se com um dos mais prevalentes dogmas dos cientistas (não se deveria pôr a culpa na pobre da ciência): o que não conhecemos hoje conheceremos no futuro. O que transcende o mundo físico não será conhecido fisicamente.

Portanto Karnal, como materialista no sentido aqui exposto, tem uma cosmovisão materialista que não se sustenta. Idem para sua vã esperança de que a ciência vai resolver todos os problemas.

É interessante que vários cientistas e acadêmicos estão abandonando o materialismo, por reconhecerem que o método científico não explica fenômenos essenciais, especialmente nos seres vivos. Um desses é o físico Federico Faggin, ninguém menos que o inventor dos *chips* de computadores. Ele afirma em seu livro⁹ ser insatisfatória a hipótese de que partículas, tempo e espaço são os fenômenos fundamentais na natureza. Ele propõe, como

⁸ Ver a minha apresentação da palestra “A máquina de Turing e o que os computadores podem e não podem fazer” em (acesso em 3/10/24)

www.ime.usp.br/~vwsetzer/apresentacoes/Maq-Turing-essencia-comps.ppsx

⁹ Faggin, F. *Irreducible* – Consciousness, life, computers and human nature. Alresford: John Hunt, 2024. Sobre Faggin, ver https://en.wikipedia.org/wiki/Federico_Faggin (acesso em 4/10/24)

vários outros cientistas, que a consciência é um fenômeno fundamental no universo. Não estou de acordo com isso; para mim o fenômeno fundamental é o pensamento, pois por detrás de cada objeto, inanimado ou vivo, existe um pensamento subjacente, a ideia do objeto, como mostrei no artigo "Conceitos, ideias e o cérebro", já citado⁷. Portanto, o que está ocorrendo é o contrário das palavras de Karnal: à medida que a ciência avança, diminui a crença que se tem nela própria. Espero que por causa disso a fé religiosa cega não aumente.

4. Karnal e as religiões

Na palestra (B) Karnal conta que foi criado na religião católica, frequentava fervorosamente as missas, mas aos poucos "percebi que eu estava falando sozinho" (min. 6:15); "senti uma secura" (6:50). E, com isso, como mostrei, ele tornou-se, em suas palavras, ateu ou, nas minhas, materialista.

O que significa ele ter percebido que "estava falando sozinho"? É que esperava ter algum retorno em sua religiosidade, "ouvir" alguma voz, perceber algo de transcendente acontecendo, o que não ocorreu. De acordo, mas vou dar uma outra explicação para a sua reação.

Ocorre que praticamente todas as religiões dirigem-se não à compreensão, mas aos sentimentos. Muitas pessoas vão à sinagoga, à igreja ou à mesquita por se sentirem bem lá dentro, por se sentirem parte de uma comunidade com algumas ideias semelhantes, por apreciarem os cultos e eventualmente as canções litúrgicas, frequentes em muitos cultos de várias religiões. Muitas pessoas não frequentam templos, mas consideram-se adeptos de certa religião. Todas essas pessoas têm necessidades sentimentais que consideram satisfeitas por sua religião, e devem ser respeitadas, seguindo o exemplo de Karnal.

É muito possível que nem os rabinos, nem os padres, pastores ou xeiques têm ideia do significado dos antigos rituais que realizam nos templos das religiões tradicionais. Nesse sentido, esses cultos tornaram-se vazios para as comunidades que os frequentam.

Um problema é que várias religiões acabaram dirigindo-se ao egoísmo, e não ao amor universal, o que deve frustrar muitos fiéis conscientes e com impulso social. Em (A 31:57) Karnal disse:

"Essa é a questão, o grande desafio contemporâneo. Como enfrentar um ambiente que formalmente é religioso e na prática é completamente egoísta, voltado para si e totalmente alheio a quaisquer desafios religiosos possíveis? Como falar de Deus para quem tem Deus no carro [em uma tira autocolante] e na camiseta e não tem no coração e na atitude?"

Espera-se das religiões uma atitude humanista. A mais nobre atitude humana é o amor altruísta, e não o egoísmo.

Um outro problema é que o crente fervoroso deve necessariamente abdicar de sua ânsia de compreender os fenômenos. Mas a busca por essa compreensão é uma característica típica desde os tempos modernos, tendo começado na Renascença, originando as descobertas científicas e os descobrimentos. Provavelmente Karnal, sendo uma pessoa moderna, não iria se satisfazer com a religião – não só a católica, que abandonou, mas qualquer religião comum. E por não se satisfazer com o que as religiões oferecem,

ocorreu com ele o que se passa com muitas pessoas, principalmente intelectuais: tornou-se materialista.

Note-se a tragédia: as religiões, cuja palavra, segundo alguns autores, vem do verbo em latim *religare*, religar, reconectar, e que deveria religar o ser humano ao mundo espiritual, acaba fazendo precisamente o contrário. Como se pode compreender essa “religação”? De certo ponto de vista espiritualista, pode-se supor que no início da humanidade, em eras pré-históricas, o ser humano estava profundamente ligado aos mundos espirituais, podia mesmo observá-los, mas de uma maneira nebulosa, atávica. Essa fase é representada pela imagem do Paraíso da Gênese bíblica. O mundo espiritual era mais real do que o mundo físico, daí a antiga tradição do hinduísmo de que o mundo físico era “maia”, uma ilusão, pois percebia-se que por detrás de qualquer objeto físico havia uma essência espiritual. Aos poucos, o ser humano foi perdendo essa capacidade de observar o mundo espiritual, tornando-se cada vez mais terreno, o que é representado na Gênese como a “expulsão do Paraíso”. As imagens bíblicas são grandiosas: “Adão” e “Eva” comem o fruto (não é uma maçã!) da “árvore da ciência [isto é, do conhecimento], do bem e do mal”.¹⁰ Posteriormente segue-se uma maravilhosa imagem em que Adão e Eva comem dessa “árvore”: “Então foram abertos os olhos de ambos”, isto é, a humanidade começou a perceber o mundo físico com mais nitidez, a ter consciência dele, “e conheceram que estavam nus”¹¹, isto é, a humanidade passou a ter autoconhecimento, autoconsciência.

Uma boa parte da Bíblia é composta de grandiosas imagens, que não representam eventos físicos, mas espirituais, em parte revelando o amadurecimento da humanidade, sua crescente separação dos mundos espirituais e sua ligação com o mundo físico.

Como bom materialista, Karnal não pode reconhecer isso, pois as realidades descritas nas imagens bíblicas e em mitos não representam fenômenos físicos. Para ele e outros com sua cosmovisão, a Bíblia é uma coleção de historinhas inventadas, sem nenhuma realidade subjacente, e muitas vezes incoerentes, como por exemplo nas duas imagens da criação da humanidade. Uma, “E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou: macho e fêmea os criou.”¹² A outra, “Formou o Senhor Deus o homem do pó da Terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.”¹³ Só mais tarde aparece a criação da Eva.¹⁴ Aparentemente uma incoerência.

Aproveito para chamar a atenção para duas características dessas imagens: Em primeiro lugar, o Pe. D’Almeida, na tradução que estou usando, emprega nesse trecho as expressões “Deus” e “Senhor Deus”. Examinando o original em hebraico, pode-se notar que em toda sua tradução ele usou Deus para *Elohim* (אֱלֹהִים) que, por sinal, é um plural. Ele emprega Senhor para Jeová (יהוה, *I’hová*, na vocalização – colocação das vogais – massorética do séc. VI, do hebraico do Velho Testamento; até hoje o hebraico é escrito sem vogais,

¹⁰ Gen. 2:17, trad. do Pe. João F. d’Almeida.

¹¹ Gen. 3:7.

¹² Gen. 1:27.

¹³ Gen. 2:7.

¹⁴ Gen. 2:21.

a menos do i), ocorrendo as traduções Deus, Senhor Deus e só Senhor. É Jeová que comanda a saída do Egito, a permanência no deserto e a invasão de Canã – com barbaridades como a destruição de terra arrasada de Jericó¹⁵, que interpreto como um símbolo para o fato de que o judaísmo era a religião adequada para a época, e as outras deveriam desaparecer. Por exemplo, foi o judaísmo antigo que introduziu a noção de que a divindade deveria ser encontrada por uma introspeção de cada pessoa, e não exteriormente – daí a tradição judaica de não representar ídolos e adorá-los. A distinção entre os Elohim e Jeová e, em muitos trechos, sua atuação conjunta, no Velho Testamento, não é um acaso.

A outra característica é o fato de que inicialmente a imagem da Gênese é da criação de um ser hermafrodita (“macho e fêmea os criou”). Obviamente, o símbolo de “à sua imagem” não é da criação do ser humano físico, pois os seres divinos não têm nada de físico. Só mais tarde aparece a separação dos sexos, com as imagens da criação de Adão e Eva.

A propósito, há uma incompreensão generalizada em relação ao monoteísmo, citado por Karnal em relação a algumas religiões (B 15:50). Inicialmente o monoteísmo era comunitário, só do povo hebreu, isto é, ele devia adorar e obedecer apenas Jeová, não havendo negação da existência de outras entidades divinas, o que pode ser constatado por uma leitura cuidadosa da Gênese. Por exemplo nos trechos “Jeová é o maior de todos os deuses”, “Se deixardes Jeová e servirdes a deuses estranhos...”¹⁶ Segundo o historiador Paul Johnson, o monoteísmo universal só aparece com o profeta Isaías.¹⁷

Voltando à destruição de Jericó, envolvendo toda a população (menos a senhora que abrigou os espiões hebreus), animais e edifícios, Karnal diz (D)

“Suas muralhas teriam caído com as trombetas de Josué? Não encontramos vestígios de muralhas e, mesmo que os houvesse, seria difícil determinar a causa do colapso.”

Ele e os materialistas não conseguem admitir que muitos relatos bíblicos são realidades espirituais, contadas por meio de imagens, e não realidades físicas, pois naquela época o povo ainda não tinha um intelecto capaz de usar conceitos. Aliás, nos Evangelhos está relatado claramente que o Cristo falava para o povo em imagens, as suas parábolas. No entanto, para os discípulos, cujo intelecto ele já tinha desenvolvido, ele mostrava como elas deviam ser compreendidas, o que fica claro na Parábola do Semeador.¹⁸ Hoje até crianças têm um intelecto mais desenvolvido do que as pessoas da época bíblica, e até posteriormente em certos povos, como mostram os contos de fadas, cujas imagens revelam uma grande sabedoria espiritual em relação à constituição suprassensorial do ser humano e a evolução espiritual da humanidade.

Ora, durante milênios a humanidade tinha ainda a sensação de que na Bíblia havia algo de grandioso, suprassensível, inspirador. Note-se que o cristianismo, durante milênios, era cultuado pela humanidade ocidental, sem que houvesse compreensão de quem foi a entidade Cristo e sua importância para o desenvolvimento da humanidade como, aliás, se conhecia nos

¹⁵ Josué 6:1-24.

¹⁶ Respectivamente Ex 18:11 e Jos 24:20. Ver também Juízes 2:12 e Cron II 6:14.

¹⁷ Johnson, P. *História dos Judeus*. trad. H. Mesquita e J.Volfzon Fo. Rio de Janeiro: Imago, 2ª. ed. 1995, p. 86. Provavelmente ele se refere a, por exemplo, Is 44:6.

¹⁸ Luc 8:4-15, especialmente 8:10; Mat 13:1-23, especialmente 13:11.

primórdios do cristianismo. O culto ao Cristo era algo puramente sentimental, mas se deve reconhecer que o impulso dele foi extraordinariamente forte, apesar das aberrações, a desumanidade, os barbarismos que foram cometidos em seu nome, obviamente absolutamente contrários aos seus ensinamentos, dos quais creio ser o mais importante o "amai-vos uns aos outros" (João 13:34), sem restrições, universal, ao contrário do que havia ainda no Velho Testamento: "Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos de teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lev. 19:18). Aqui o amor é claramente comunitário, e não universal, pois Jeová ordenou que o povo não se misturasse com outros, o que teve um profundo significado na época, mas deixou de ter sentido em tempos posteriores.

Hoje em dia é possível compreender o significado espiritual de muitas das imagens da Bíblia, deixando-se de ter uma fé cega nela. Por exemplo, leiam-se os primeiros capítulos do Evangelho de Mateus (1:1 a 3:12) e de Lucas (1:1 a 3:20) e se verão duas histórias totalmente diferentes, a menos de um pequeno trecho da genealogia de Jesus, em Mat 1:1-17, de Abraão a José, e de Luc 3:23-38, no sentido contrário, de José a Adão e de Adão a Deus; essas ordens têm um significado profundo. Fiz uma compilação objetiva desses dois relatos, para mostrar como são totalmente diferentes.¹⁹ Pois bem, essa diferença e o fato de os Evangelhos de Marcos e João começarem apenas no batismo do Jordão, já foram explicados de maneira grandiosa por Rudolf Steiner (1861-1925), em uma maneira conceitual extremamente lógica e coerente, mas que exige o conhecimento básico de sua profunda e abrangente cosmovisão espiritualista (não colocarei referências aqui para não parecer que estou fazendo proselitismo).

É importante reconhecer que materialistas como Karnal, com sua cosmovisão, produzem um enorme abismo entre eles e a história da humanidade. Até meados do séc. XVIII ninguém achava que o ser humano era puramente físico, e se sentia que as religiões continham algo de profundamente verdadeiro, mas não físico. Aquele abismo fica claro nas críticas muito bem-humoradas que Karnal faz em (A), já que os adeptos de religiões de antigamente e de hoje jamais fariam de modo, pois tratavam assuntos religiosos com imenso respeito. Aliás, concordo com grande parte de suas críticas.

Também é importante reconhecer que o materialismo foi uma necessidade para a humanidade, pois proporcionou a sua enorme queda na matéria. Sem essa queda, se o ser humano tivesse continuado a ter uma ligação direta ou sentimental com o mundo espiritual, o ser humano não poderia ter desenvolvido a independência desse mundo e liberdade interior, o livre arbítrio. Agora a humanidade tem que reverter esse processo e, novamente, procurar a religião com o mundo espiritual, mas conservando tudo o que ela conquistou, especialmente o livre arbítrio e o amor altruísta, e não simplesmente retornando ao passado. Esse retorno é bem claro nos fundamentalismos religiosos, que fazem as pessoas parecerem estar na Idade Média, serem intolerantes, cometer atos desumanos e até mesmo de barbarismo. Essa mentalidade só pode ser mudada com a compreensão, em primeiro lugar, da constituição suprassensorial do ser humano. Afinal, considerar o ser humano como ente puramente físico, uma máquina, não deveria levar à dignidade humana e ao respeito pela outra pessoa. Máquinas

¹⁹ Ver <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/discreps-lucas-mateus.pdf> (acesso em 3/10/24)

não têm dignidade e não requerem respeito, a menos de se cuidar de sua manutenção. Máquinas não têm livre arbítrio (nem os animais o têm), não têm empatia e compaixão. Aliás, o livre arbítrio não faz sentido do ponto de vista materialista pois, como já foi visto na seção 3 acima, da matéria não pode advir liberdade. Um materialista que admite que o ser humano tem livre arbítrio não é coerente.

A propósito, como os computadores e a "inteligência" artificial tratam os seres humanos? Como máquinas, com todo o perigo que isso pode representar!²⁰

Karnal revela um profundo humanismo, um profundo respeito pela pessoa humana, independente da cosmovisão ou religião dessa última. Infelizmente, o humanismo não pode advir da admissão de que o ser humano é puramente matéria. Ou seja, o humanismo de Karnal é fruto de seus sentimentos em relação à pessoa humana; não é baseado em uma compreensão dessa última.

Em (B 11:40) ele diz que a quebra da sua religião o levou a ter a atitude "Eu devo ser uma pessoa ética". Em (11:50) "Nunca vi um choque entre ética e ateísmo", e em (11:55) "Há religiosos éticos e não éticos." Em (D) ele escreveu:

"Códigos éticos e morais se nutrem da Bíblia há mais de 2.500 anos. [...] Tão importante quanto o Direito Romano, nosso direito bebe de fontes bíblicas."

Talvez ele se refira a aspectos humanísticos da Bíblia ou talvez, e principalmente, dos Evangelhos. No entanto, o Velho Testamento está cheio de ações que hoje seriam consideradas bárbaras ou desumanas, inclusive com penas de morte e outras, cruéis, para quem amaldiçoa seu pai e mãe, para o adultério etc.²¹ No Evangelho de João está a história da mulher adúltera, que pela lei judaica devia ser apedrejada e é salva pelo Cristo.²²

É interessante que Karnal cita "códigos éticos e morais", como se fossem diferentes, apesar de, em geral, serem confundidos. Aqui vou expor uma de minhas ideias: faço uma distinção muito clara entre "ética" e "moral". A ética é sempre comunitária como, por exemplo, a ética dos advogados, a dos médicos – esta, remontando a Hipócrates (460-370 a.C.) –, a de cada religião etc. A moral é individual. Por exemplo, é ético um advogado defender um cliente que cometeu um crime, e o tal advogado ter certeza disso. No entanto, ele pode fazer tudo para inocentar o cliente; isso está dentro da ética advocatícia, mas não é uma atitude moral. A ética depende de regras estabelecidas para a comunidade, a moral depende da consciência de cada pessoa, e tem algo a ver com a condição humana.

A ética é sempre relativa às regras e costumes da comunidade que os determina. A moral tem algo de universal e pode ser absoluta. Por exemplo, considerando-se que o ser humano tem como uma de suas missões principais o desenvolvimento do livre arbítrio, é imoral matar-se alguém, pois impede-se seu desenvolvimento – o que não significa que a pessoa não possa ser afastada do convívio social, se tem uma psicopatia. Isso pode até fazer parte

²⁰ Ver Setzer, V.W. I.A. – *Inteligência Artificial ou Imbecilidade Automática? As máquinas podem pensar e sentir?* São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2021. Ver também o artigo original que resultou no livro, em (acesso em 8/10/24): <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/IAtrad.html>

²¹ Lev 29:9-20.

²² João 8:3-11.

da ética de uma religião (matar os "infiéis"), mas não corresponde à maneira como se deveria tratar um ser humano. A moralidade deveria ser resultante não de sentimentos, como por exemplo uma repulsa de machucar alguém ou um animal e, sim, resultado da compreensão profunda do que é o ser humano, o que foge da concepção materialista.

Quando Karnal afirma jamais ter visto um choque entre ética e ateísmo, ele está dizendo que os ateus têm um sentimento de que devem agir eticamente. Não se trata de uma ação ditada pela compreensão do que é o ser humano, mas é devida a um sentimento, talvez de solidariedade, de repulsa de causar um sofrimento. Não é isso que devia ditar as ações humanas, pois sentimentos são nebulosos e não se pode confiar plenamente neles. Por exemplo, um acesso de raiva pode levar uma pessoa a agir antiteticamente ou mesmo imoralmente. As ações sociais deviam advir de uma profunda compreensão do que é o ser humano. Mas isso não pode advir da concepção materialista de Karnal, pois na matéria não existem aqueles sentimentos. Não se pode tratar uma máquina humanamente. Pode-se usá-la para ações humanas ou desumanas, morais ou imorais, mas isso não se aplica ao tratamento que se dispensa a ela própria.

Assim, devo concluir que Karnal é um grande humanista, mas não é coerente com sua cosmovisão materialista.

A história da educação religiosa católica romana que Karnal disse ter tido (B 6:15) e, posteriormente, ter se tornado materialista, leva-me a fazer uma consideração que creio ser muito importante. Uma educação religiosa na infância e na juventude não impede que a pessoa abandone sua religião, e até mesmo se torne materialista, como foi o caso de Karnal. Pelo contrário, Rudolf Steiner chamou a atenção de que todas as crianças deveriam ter uma educação religiosa, principalmente nas religiões tradicionais, pois todas essas provinham de uma percepção do mundo espiritual, e a criança está justamente vindo desse mundo. Mas a educação religiosa de crianças deveria concentrar-se em tudo o que é bom, é moral, deixando-se de lado os horrores que aparecem em certas imagens dos livros sagrados, e os que foram eventualmente cometidos indevidamente em nome de determinadas religiões. Isso porque, também segundo Steiner, a criança vem ao mundo esperando encontrar um mundo bom. É terrível e altamente prejudicial a uma criança entrar em contato com o mal. Em particular, ela deveria encarar seus pais e professores como pessoas boas e perfeitas, pois em caso contrário ela perde a segurança e a confiança no mundo, inata a qualquer criança pequena..

Contrastando com o caso de Karnal, de que a educação religiosa não o impediu de tornar-se ateu (ou materialista, na minha caracterização), vale a pena citar uma opinião contrária, a de Richard Dawkins em seu livro *The God Delusion*²³, traduzido erradamente por *Deus, um delírio*²⁴:

"Eu nunca canso de chamar a atenção para a aceitação tácita da sociedade de impor em crianças pequenas as opiniões religiosas de seus pais. Ateus devem desenvolver sua própria consciência da

²³ Dawkins, R. *The God Delusion*. Londres: Black Swan, 2007, p. 18.

²⁴ ___ *Deus, um delírio*. São Paulo: Schwarcz, 2007. Disponível em (acesso em 4/10/24) <https://dn790004.ca.archive.org/0/items/DeusUmDelirioRichardDawkins/DAWKINS%2C%20Richard%20-%20Deus%20C3%A9%20um%20delirio.pdf>

anomalia: a opinião religiosa é único tipo de opinião paterna que – por quase consentimento universal – pode ser impingida nas crianças que, na verdade, são demasiadamente jovens para saber o que aquela opinião é na realidade.” (Minha tradução livre.)

Ele afirma que não existem “crianças católicas” ou “crianças muçulmanas”. O que existe são “crianças de pais católicos ou muçulmanos”.

Falando de educação de crianças, aproveito para puxar mais uma vez a brasa para minha batata doce: os meios eletrônicos estão repletos de ações más, violentas. Jamais uma criança deveria ter acesso a eles. Na infância, isso é possível, é só proibir, mas há uma ressalva: os pais não deveriam usá-los na frente das crianças, pois elas, como é de sua natureza, vão querer imitar os pais e não podem compreender que algo que não machuca imediatamente pode ser maléfico. Depois de mais ou menos 14 anos, ela/ele já podem começar a compreender os malefícios e os perigos representados pelos meios eletrônicos, e estão já com um pouco de autoconhecimento e autocontrole para colocar os meios em seu devido lugar. Mas não estou mais falando sozinho sobre eles; a primeira vez que dei uma palestra contra o uso da TV como veículo de lazer ou de informação foi em 1972 – tempos gloriosos, ela era o único meio eletrônico então existente; era fácil ser pai ou mãe, era só não ter o aparelho em casa... Hoje em dia os terríveis desastres provocados pelos meios em crianças e adolescentes estão nos meios de divulgação e na boca de qualquer pessoa medianamente informada e consciente.

5. Conclusão

Neste artigo tentei mostrar que a denominação que Karnal dá de si próprio, de ser um ateu, é imprópria. Melhor seria usar a denominação “materialista”, a pessoa que admite que no universo e nos seres vivos só existem matéria, energia e processos físicos, negando a existência de quaisquer fenômenos transcendentais. Mostrei que o materialismo não se sustenta pois, para começar, a física não sabe o que é um átomo em seu estado natural, e jamais saberá, isto é, não se sabe e nem se saberá o que é a matéria. Foram também citados fenômenos que se passam nos seres vivos, e no ser humano em particular, que jamais poderão ser compreendidos pelo paradigma da ciência materialista.

Para justificar seu ateísmo, Karnal tece críticas às confissões religiosas, críticas com quais em geral concordo. Mas ele ignora que existe um espiritualismo desligado dessas confissões, que não exige dogmas, diminuição da consciência e da autoconsciência de vigília, diminuição da liberdade, com uma teoria muito abrangente e coerente, que não contradiz fatos científicos conhecidos (mas pode contradizer julgamentos científicos), sem nada de secreto, transmitida conceitualmente e com aplicações práticas de sucesso. Talvez se ele conhecesse esse espiritualismo, ele iria deixar de ser materialista. E iria começar a compreender os fundamentos das religiões antigas pois, como foi dito, o materialismo estabelece um profundo abismo com tudo o que é espiritualidade – e a até meados do séc. XVIII quase toda a humanidade era espiritualista. Para o materialismo, todos os livros sagrados, os mitos, os contos de fadas, são meras abstrações, historinhas inventadas. Para certo espiritualismo, eles representam realidades espirituais, com consequências no mundo físico, que podem ser compreendidas não materialmente, mas espiritualmente. Os povos antigos tinham percepções espirituais, mas não conseguiam expressar suas

percepções conceitualmente, e as expressavam em imagens, o que é absolutamente claro na Gênese. (Para começar, o Sol e a Lua são criados no 4º dia, portanto os "dias" da Criação não são nossos dias de 24 horas; trata-se de imagem para algo grandioso.) Hoje em dia é possível fazer essas observações espirituais e as transmitir conceitualmente, para a compreensão. Isso já foi feito, em minha opinião satisfatoriamente, e acaba com a insatisfação produzida pelas confissões religiosas, insatisfação como a de Leandro Karnal, que o levou a se considerar "ateu".

Há pessoas que se contentam com essas religiões. São pessoas que não procuram compreender profundamente o ser humano e os seres vivos, já que a ciência materialista falha nesse quesito. Por exemplo, essa ciência não sabe o que é a vida, muito menos o que são os pensamentos, sentimentos etc. como foi exposto. Essas pessoas contentam-se, nas lides religiosas, em permanecer em seus sentimentos, o que não me parece adequado ao ser humano moderno.

No entanto, admiro profundamente o humanismo de Karnal. Mas esse humanismo parece-me incoerente com sua visão de mundo. Talvez ele seja fruto de seus sentimentos, mas eu preferiria que ele fosse fruto da compreensão profunda do que é o ser humano, e hoje isso já é possível. Do ponto de vista materialista, o ser humano é só matéria, é uma máquina, e aí não há lugar para compaixão, empatia e humanismo. Temos que superar urgentemente o materialismo, bem como o fundamentalismo religioso que tem levado a preconceitos, intolerâncias e até mesmo barbáries.

Gostaria de propor uma conversa com o Karnal. Essa conversa poderia ser pessoal, pública presencial ou transmitida remotamente, e poderia ser gravada e disponibilizada, tudo a critério dele. Enviei este artigo ao Karnal; ele me respondeu, agradeceu, fez algumas observações e disse que iria reler o artigo. Pedi autorização para inserir seu *e-mail* aqui, mas como não as recebi, resolvi colá-las no apêndice abaixo.

Agradecimento

Agradeço à minha esposa Sonia A.L. Setzer por uma cuidadosa revisão da redação e por valiosas contribuições, e a Ulrich Schiel por interessantes discussões que me levaram a melhorar este artigo em alguns pontos e torná-lo mais claro.

Apêndice

Em 6/10/24 enviei ao Leandro Karnal este artigo e, no dia seguinte, ele enviou-me o *e-mail* que transcrevo abaixo. Eu respondi a ele, perguntando se podia inserir o seu *e-mail* como apêndice ao meu artigo. Até a data de hoje, 19/10/24, não recebi resposta dele à minha pergunta. Vou usar o pouco sociável "quem cala, consente", e inserir seu *e-mail* aqui, com a atenuante de que ele poderá solicitar a retirada de seu texto a qualquer momento. Para evitar polêmica pública, não vou colocar o que respondi a ele, além de ter agradecido imensamente o fato de ele ter levado meu artigo em consideração.

From:karnal...

Date: Mon, Oct 7, 2024 at 10:18 AM

Subject: Re: Meu artigo comentando sua posição de ateu
To: vwsetzer@ime.usp.br

Caro Valdemar: obrigado pelo excelente texto. Acabei de lê-lo. Preciso reler, pois é denso. Alegrias de encontrar a citação da Bíblia com a tradução de João Ferreira de Almeida, a quem você segue um caminho duvidoso de considerar padre, um recurso que foi usado há muito tempo para aumentar o poder da tradução, já boa em si. Também gosto de Johnson para pensar em obra gera sobre os judeus e sempre recomendo o livro. Começo por um ponto: você tem razão, a palavra ateu não apenas é cheia de contradições como limitante. Em vídeos gerais, tenho limites em afirmar algumas coisas. No livro "Crer ou não Crer", fui um pouco mais fundo. Incomoda-me usar a palavra ateu. Seria como dizer que você, Valdemar, não é japonês ou não é mulher. Definir pela negação é um problema lógico. Assim, parte das contradições válidas que você identifica, eu considero corretas. Nunca fiz catequese de ateísmo. Acho desagradável pregar o que penso que pode ser ofensivo para outras pessoas. Sou historiador das religiões e considero o fato histórico religião fundamental. O que me impede de afirmar MATERIALISTA? Porque nós realizamos a "revolução cognitiva" há, talvez, 70 mil anos. Passamos a crer em narrativas. Exemplo: Estado, laços de família, deuses etc. O que sobreviveu da revolução cognitiva em mim? Meu humanismo, pura narrativa que me conforta, como outros possuem conforto no Salmo 23. Isso me afasta do materialismo e traduz a contradição que você tão bem identifica. Uso o termo alma quase no sentido aristotélico, mas seu, deveria evitar. Vou reler seu texto. Essa foi a primeira resposta possível. Obrigado por se interessar tanto por mim. Provavelmente, você pensa mais em mim do que eu mesmo. Um abraço
Leandro